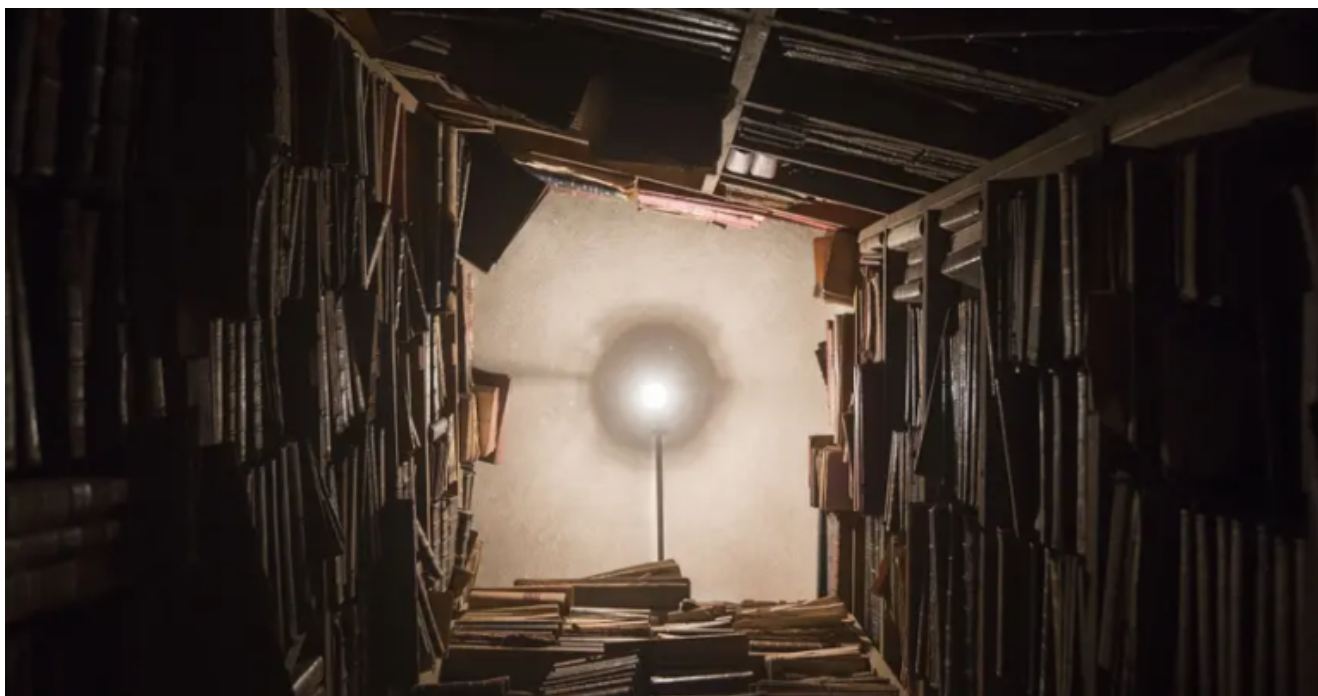


# Apesar de futuro incerto as livrarias no Porto resistem enquanto houver leitores

written by O Cidadão | 20 de Outubro, 2024



*“Enquanto houver leitores, as livrarias não fecham. O que, para nós, não faz sentido é ouvir os receios e os lamentos de quem não tem o hábito de frequentar e comprar em livrarias”,* considerou Arnaldo Vila Pouca, que com Cátia Monteiro, criou a livraria Flâneur, agora localizada perto da Casa da Música.

Arnaldo Vila Pouca defendeu que é preciso *“informar o consumidor”*, explicar-lhe como funcionam as livrarias, que custos têm, com que margens trabalham e quanto ganham os autores, que *“é quase nada”*.

*“O consumidor poderia procurar saber, mas a verdade é que não há essa disponibilidade”,* é *“mais fácil viver e sobreviver na desorganização e na desinformação. Se as pessoas estiverem informadas consomem com outro tipo de consciência”*, afirmou.

O responsável da Flâneur disse que *“muitas vezes”* as pessoas

perguntam ***“porque é que na Feira do Livro de Lisboa têm muitos descontos e aqui no Porto não”***.

***“Eu explico-lhes que é fácil: porque quem faz os descontos, quem faz as feiras do livro em Lisboa são as editoras. No Porto, quem faz a Feira do Livro, não só, mas também, são as livrarias e os seus proprietários, que têm ordenado, têm casa, têm filhos e contas para pagar”***, referiu.

E acrescentou: ***“O consumidor é muito responsável, é a mesma coisa, por exemplo, com a política, queixam-se, mas não vão votar”***.

***“Aqui preservamos o silêncio e a calma de quem cá está. Não precisamos de barulho, nem de muita gente a passar à porta, nem de barulhos de malas. Temos os livros de que gostamos. Temos os livros que queremos ter. Os clientes confiam na nossa escolha, partilham connosco os seus gostos. É claro que é um negócio, mas é uma partilha, também”***, sublinhou.

No dia em que não for possível sobreviver pelo negócio, fecha-se a porta e vai-se fazer outra coisa: ***“Nós também editamos, somos editores desde o início”***.

Num outro ponto de encontro, de troca de informação entre pessoas e livros e de divulgação da poesia e do teatro, **Francisco Reis**, um dos donos da Poetria, admitiu que o encerramento de um espaço emblemático, como a Livraria Latina, é ***“preocupante, por ser menos uma oportunidade de descoberta”***.

No entanto, afirmou: ***“nós estamos empenhados em manter as portas abertas e continuar a servir a comunidade, apesar dos desafios deste mercado”***.

***“O desaparecimento de lojas históricas e culturais dos centros das cidades é um fenómeno preocupante, que empobrece o tecido social e económico da nossa comunidade, é importante que se encontrem formas de preservar estes espaços, que são parte integrante da nossa identidade cultural”***, defendeu.

À semelhança da análise feita pelo dono da Flâneur, Francisco Reis considera também que **“as dificuldades financeiras, por causa das rendas”**, ajudam a explicar o encerramento de lojas, mas no caso das livrarias, **“tem a ver também com o interesse dos leitores, há flutuação na procura”**.

**“Nós não conseguíamos manter as portas abertas se não fosse a Feira do Livro do Porto. Era impossível mantermos portas abertas com o nível de faturação diária. Contratar funcionários é algo que nem nos passa pela cabeça”**, disse Francisco Reis, que tal como Arnaldo Vila Pouca, da Flâneur, e respetivos sócios, são quem assume, na íntegra, a gestão das respetivas livrarias.

Torna-se **“muito difícil gerir quando é só uma pessoa e as livrarias que conhecemos aqui à volta são quase todas geridas por uma pessoa. Nós criamos uma editora de forma também a dinamizar um pouco o panorama editorial nacional. Publicámos 22 poetas, nos últimos três anos, 22 livros de 22 poetas, todos eles jovens”**, sustentou.

Na Poetria, classificada Livraria de Interesse Municipal, sentiu-se **“um rejuvenescimento do público”**.

Francisco Reis acrescentou que este é um negócio **“muito cíclico”** em que se está **“sempre à espera do que vem a seguir”**.

**“Agora estamos à espera do Natal”**, frisou.

Questionada a administração da Porto Editora, reconheceu que as livrarias de rua têm sofrido **“uma enorme pressão, devido aos custos inerentes à sua atividade”**, no entanto, **“na generalidade, as vendas têm mantido ou registado um ligeiro crescimento”**.

Numa resposta escrita considera que, **“no que diz respeito à despesa, os dois principais fatores (rendas e custos com recursos humanos) têm sido alvo de aumentos significativos nos últimos anos, situação que não é acompanhada pelo aumento do**

***preço dos livros, que não tem sequer sido atualizado ao nível da inflação registada, exercendo, assim, uma enorme pressão sobre esta atividade”.***

No caso concreto da livraria da Praça Filipa de Lencastre, a Porto Editora não prevê a hipótese de encerramento num futuro próximo, já que tudo continuará a fazer para que esta solução se mantenha viável, reconhecendo a importância desta atividade cultural para a cidade.

***“O mercado livreiro tem assinalado um ligeiro crescimento nos últimos três anos (quer no retalho físico, quer no ‘online’), impulsionado pela melhoria sucessiva dos hábitos de leitura, que esperamos que continue a verificar-se (e até a um ritmo mais elevado) já que estes números ainda são bastante deficitários em Portugal”, acrescenta.***

Por seu lado, fonte da **Almedina** disse que a empresa ***“não tem qualquer intenção”*** de encerrar a livraria que detém desde 1980, na Rua de Ceuta, e que lá continuará ***“de pedra e cal”*** enquanto for possível.

**Elísio Borges Maia**, administrador do grupo Bertrand Círculo, disse que ***“na última década”***, o grupo tem levado a cabo ***“um alargamento sustentado da rede de livrarias”***, apesar dos ***“preços especulativos praticados no arrendamento comercial”***.

***“O alargamento mais recente tem privilegiado os centros históricos de várias cidades portuguesas, designadamente Almada, Aveiro, Barcelos, Castelo Branco, Espinho, Guimarães, Leiria, Lisboa, Porto e Vila Franca de Xira. Presentemente, continuamos atentos a oportunidades que se enquadrem dentro da nossa estratégia, embora esteja longe de ser uma tarefa fácil, considerando os preços especulativos praticados no arrendamento comercial, especialmente em Lisboa e no Porto, mas também em outras cidades do litoral do país”***, afirmou o responsável, numa resposta escrita.

Sobre o encerramento na baixa da cidade do Porto, da Livraria

Latina e da Fnac, Elísio Borges Maia considerou que o número de pontos de venda físicos com uma oferta abrangente e diferenciada de livros em Portugal é **“escasso”** e que **“a diminuição desses pontos de venda, especialmente tratando-se de livrarias, agrava o problema, representando uma perda para a diversidade cultural e para o acesso ao conhecimento, num país que já tem historicamente baixos índices de leitura”**.

OC/AJS/PM/Lusa